

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO V — Número 1.456

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Quarta-feira, 22 de Agosto de 1923

PREÇO — 20 CENTAVOS

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

atalaia 114 e 115

As moagens querem vender o pão a 3\$00, 1\$80 e 1\$00.  
E' um roubo que o povo não pode admitir.

## As moagens preparam o assalto

## Consumidores, preparai a defesa!

Povo: Se os moageiros te virem manso, como um cordeiro, disposto a não reagir enérgicamente quando êles, protegidos pela liberdade que o governo lhes concedeu, quizerem impingir-te o pão mau e caro — estás perdido.

Se, pelo contrário, te encontras na disposição de impor a tua vontade, que é soberana, reduzindo os lucros dos moageiros àquilo que é razoável dentro desta defeituosa organização social, verás então que êles, que tudo tem a perder, que possuem muito amor à vida e aos seus milhões, regularão tanto quanto possível os seus interesses pelas posses miseráveis dos pobres.

## ENERGIA, POIS! NADA DE HESITAÇÕES NO MOMENTO OPORTUNO!

## O PÃO

### Notas e Comentários

#### Os Bancos

Apesar do ministro da Agricultura ter dito que dando às moagens e panificação a liberdade, estabelecia a concorrência benéfica que evitaria exageros no preço do pão, o certo é que a avaliar pela altitude rebelde dos industriais de padarias independentes, a Companhia Industrial Portugal e Colónias está procedendo num à vontade de empresas monopolistas, querendo impor um preço de farinha incompatível com os recursos do povo.

Pretende a moagem criar três tipos de farinha que serão três tipos de pão para ser vendidos a 3.500, 1.880 e 1.800.

Ora, nós já previamos este exagero, esta fraude, este roubo que é um gesto imprudente do ministro da Agricultura provocaria.

O governo já estava tanto seguro do seu gesto que criando a Moagem a faculdade de roubar à larga, indignaria toda a gente, que se prepara para meter na cadeia, e perseguir o consumidor roubado que não esteja disposto a deixar-se roubar sem um gesto de revolta, de instintiva defesa.

Uma nota da Arcada dizia-nos o entanto: «Consta que vão ser tomadas providências para evitar que os agitadores de profissão promovam qualquer agitação da ordem pública a pretexto daquele aumento.»

O governo já vai alegando os agitadores de profissão os consumidores que decreto não querem pagar o pão a 3\$00.

Enquanto às moagens se dá liberdade de roubar livremente a população, contra esta preparam-se perseguições.

O povo que abra os olhos!

O povo que veja mais uma vez como a república protege os ladrões, alegando o povo e entregando-o nas suas garras!

Ler hoje  
na 3.ª  
página

Na prisão

Máximo Gorki

o esplêndido  
folhetim  
de "A Batalha"

## Pela BATALHA

E' hoje que, conforme anunciámos, na Associação dos Caixeiros, na rua António Maria Cardoso, n.º 20, se realiza a grande sessão de propaganda de A BATALHA, na qual usarão da palavra os camaradas

SANTOS ARRANHA e JOSÉ BENEDY

Será uma aprasável sessão de propaganda sindicalista à qual os operários não devem faltar.

#### O papel

A imprensa em Portugal tem estado a viver da concorrência que o papel estrangeiro consegue fazer ao nacional. Esta concorrência pode estabelecer-se mercê dum decreto, cujo prazo está terminando, que, se não é de imposto o papel de importação, pelo menos, lhe alegaria consideravelmente os encargos.

Dentro de pouco tempo, porém, exibirá o prazo desse decreto protector e o papel de importação passará a pagar de imposto a módica quantia de 1.550, cada quilo. Esse encargo dificultará a tal forma a expansão da imprensa que cinco tostões por cada exemplar do nosso jornal, por exemplo, seriam insuficientes para cobrir as despesas.

O ministro do Comércio, estamos convencidos, não quererá a morte da imprensa — que representaria a agonia

quase exclusivamente vivida da agitação, como o Economia Portuguesa

a sentir-se mal do ventre, e a apres-  
sarmo-nos da falência.

Hoje poucos Bancos resistiriam a uma

corrida... Nem o Ultramarino que é

o emissor de papéis para as colónias

Se rebentasse meia dúzia de ban-

cos o pão sentiria o mesmo alívio que

comegaram as casas mais fracas que

quase exclusivamente viviam da agita-

ção, como o Economia Portuguesa

a sentir-se mal do ventre, e a apres-  
sarmo-nos da falência.

Um partidão...

Com o fascismo em Itália está suce-

dendo o mesmo que sucedeu em Por-

tugal com o sionismo. As mulheres —

muito mais inclinadas a admirar e a

sorrir aos homens do que às ideias — ade-

rem com entusiasmo ao fascismo, ou

melhor, com Mussolini. Notícia! O Século

de ontem que «uma das senhoras mai-

distintas da aristocracia italiana, a con-

desa de Riccolini, aderiu ao fascis-

mo, declarando encontrar-se disposta a

fazer os maiores sacrifícios pela nova

ordem que abraçou. Como elemento sub-

ordinário, diremos que, a falar verdade,

pelo retrato que O Século publicou, a

um partidão...

Com o fascismo em Itália está suce-

dendo o mesmo que sucedeu em Por-

tugal com o sionismo. As mulheres —

muito mais inclinadas a admirar e a

sorrir aos homens do que às ideias — ade-

rem com entusiasmo ao fascismo, ou

melhor, com Mussolini. Notícia! O Século

de ontem que «uma das senhoras mai-

distintas da aristocracia italiana, a con-

desa de Riccolini, aderiu ao fascis-

mo, declarando encontrar-se disposta a

fazer os maiores sacrifícios pela nova

ordem que abraçou. Como elemento sub-

ordinário, diremos que, a falar verdade,

pelo retrato que O Século publicou, a

um partidão...

Com o fascismo em Itália está suce-

dendo o mesmo que sucedeu em Por-

tugal com o sionismo. As mulheres —

muito mais inclinadas a admirar e a

sorrir aos homens do que às ideias — ade-

rem com entusiasmo ao fascismo, ou

melhor, com Mussolini. Notícia! O Século

de ontem que «uma das senhoras mai-

distintas da aristocracia italiana, a con-

desa de Riccolini, aderiu ao fascis-

mo, declarando encontrar-se disposta a

fazer os maiores sacrifícios pela nova

ordem que abraçou. Como elemento sub-

ordinário, diremos que, a falar verdade,

pelo retrato que O Século publicou, a

um partidão...

Com o fascismo em Itália está suce-

dendo o mesmo que sucedeu em Por-

tugal com o sionismo. As mulheres —

muito mais inclinadas a admirar e a

sorrir aos homens do que às ideias — ade-

rem com entusiasmo ao fascismo, ou

melhor, com Mussolini. Notícia! O Século

de ontem que «uma das senhoras mai-

distintas da aristocracia italiana, a con-

desa de Riccolini, aderiu ao fascis-

mo, declarando encontrar-se disposta a

fazer os maiores sacrifícios pela nova

ordem que abraçou. Como elemento sub-

ordinário, diremos que, a falar verdade,

pelo retrato que O Século publicou, a

um partidão...

Com o fascismo em Itália está suce-

dendo o mesmo que sucedeu em Por-

tugal com o sionismo. As mulheres —

muito mais inclinadas a admirar e a

sorrir aos homens do que às ideias — ade-

rem com entusiasmo ao fascismo, ou

melhor, com Mussolini. Notícia! O Século

de ontem que «uma das senhoras mai-

distintas da aristocracia italiana, a con-

desa de Riccolini, aderiu ao fascis-

mo, declarando encontrar-se disposta a

fazer os maiores sacrifícios pela nova

ordem que abraçou. Como elemento sub-

ordinário, diremos que, a falar verdade,

pelo retrato que O Século publicou, a

um partidão...

Com o fascismo em Itália está suce-

dendo o mesmo que sucedeu em Por-

tugal com o sionismo. As mulheres —

muito mais inclinadas a admirar e a

sorrir aos homens do que às ideias — ade-

rem com entusiasmo ao fascismo, ou

melhor, com Mussolini. Notícia! O Século

de ontem que «uma das senhoras mai-

distintas da aristocracia italiana, a con-

desa de Riccolini, aderiu ao fascis-

mo, declarando encontrar-se disposta a

fazer os maiores sacrifícios pela nova

ordem que abraçou. Como elemento sub-

ordinário, diremos que, a falar verdade,

pelo retrato que O Século publicou, a

um partidão...

Com o fascismo em Itália está suce-

dendo o mesmo que sucedeu em Por-

tugal com o sionismo. As mulheres —

muito mais inclinadas a admirar e a

sorrir aos homens do que às ideias — ade-

rem com

# TEATRO NACIONAL HOJE

Primeira representação

# O CONGRESSO OS PRESOS

DOS

EMPREGADOS NO COMÉRCIO

O Sindicato de Coimbra. — Algumas considerações a propósito. — Caminhando em frente

COIMBRA, 20. — Vai reuniu-se, no Porto, daqui por dez dias o congresso desta laboriosa classe, da qual fazemos parte. Muito se tem dito, sobre o mesmo, os próprios jornais da classe tem encrado as suas colunas com assuntos de interesse e a classe, no geral, tem correspondido ao apelo da Federação, que, para a realização do congresso tem enviado o melhor dos seus esforços. Felicitamo-la por isso, pois, este parece ser o mais importante dos atos já realizados.

O que vamos aqui expôr, devia como era natural, ser publicado em *O Empregado no Comércio*, porém, a sua publicação irregular forçou-nos a vir até às colunas de *A Batalha*, dizer o que se nos oferece sobre a grande reunião de Setembro, no Porto.

De há um tempo a esta parte que o sindicato dos empregados no comércio de Coimbra tem enveredado por seu caminho, já expulsando do seu seio alguns elementos, de algum valor e que estavam encaminhando a classe para o seu verdadeiro campo da luta — no sindicalismo-revolucionário —, já deixando-se embalar pelas meninos-integrados, que o atolam na lama da reacionarismo.

É certo que a Federação, por duas vezes aqui enviou delegados, fazendo vir aos actuais dirigentes desse sindicato quais os seus deveres, convidando-os a reconsiderar, pois que, os elementos expulsos (por bolchevistas) fundando um jornal que brillantemente tem defendido a classe, se tem conduzido tanto nobremente que toda a classe deve o esforço dispensado na defesa dos empregados no comércio.

Temos lido as teses que no congresso se vão discutir, e é sem dúvida alguma,

Adolfo de FREITAS

A paralização na Exploração do Porto de Lisboa

E' no próximo domingo

que se efectua a magnífica excursão a Sintra, Colares e Praia das Maçãs

O S. U. Metalúrgico ao promover a excursão a Sintra, Colares e Praia das Maçãs teve em vista proporcionar ao proletariado umas horas de exploração confraternização. E' escusado encarecer a encantadora beleza das três localidades, cuja fama as torna muito visitadas por estrangeiros. Sintra, Colares e Praia das Maçãs merecem ser conhecida e admiradas por todos aqueles que vivem a labuta diária das oficinas.

Conforme temos vindo anunciado o passeio efectua-se no próximo domingo e a partida em caminhões far-se-há da Rotunda, às 6.30 horas e o regresso de Sintra às 18 horas. O preço dos bilhetes é de 1250. A receita proveniente desta magnífica excursão destina-se a custear as aulas e outros melhoramentos da sede do Sindicato.

No pitoresco Campo dos Seteais efectuar-se-há um «pic-nic» para o qual a comissão organizadora prepara interessantes surpresas.

A comissão organizadora em virtude do aviso ontem publicado, considera como passados os bilhetes que se encontram ainda em poder dos diversos camaradas.

Os poucos bilhetes que restam podem ser ainda requisitados até hoje à noite na sede do Sindicato, rua da Esperança, 204, 2.º, e na redacção de *A Batalha*.

Fazia a entrevista realizou-se no sindicato do pessoal uma reunião magna que teve uma concorrência extraordinária. Nessa reunião, a Comissão de Melhoramento declarou que o Conselho de Administração alegara não poder dar uma resposta concludente sem primeiro se avisar com o ministro do Comércio. E essa entrevista tem hoje lugar, visto que o ministro só ontem regressava a Lisboa. Esta resposta não agrado ao pessoal que desde Janeiro veio reclamando ser atendido.

Palaram vários oradores, sendo por fim deliberado por unanimidade prolongar o protesto por mais 24 horas. Devido a essa resolução, continuará hoje a paralização de trabalho no P. L. O conflito entrou, pois, numa fase grave devido ao Conselho de Administração não atender as reclamações de aumento de salário que o pessoal desde o transacto mês de Janeiro formulou.

O pessoal reuniu-se hoje, novamente, às 17 horas.

Trabalhadores:

LEDE «A BATALHA»

AS GREVES

Tanoeiros de Lisboa

Reuniu-se ontem pelas 10 horas da manhã em sessão magna, os operários desta indústria a fim de apreciarem a sua actual crise de trabalho, originada pela enorme concorrência de vasilhame do Norte.

Depois de devidamente apreciada e investigada a causa de tão desliz concorrência, originada pelo desvalorização da mão de obra dos camaradas Tanoeiros daquela região, ficou assente após acalorada discussão, declarar a «boicotagem» àquele vasilhame, enquanto os tanoeiros do norte não equiparem os seus salários e o seu horário aos de Lisboa.

Este Comitê apela para a imprescindível solidariedade de toda a classe, pois que só assim veremos conjurada a crise em Lisboa e simultâneamente, concorremos para que os camaradas do norte melhorem a sua situação, tam menorescendo. — O Comitê.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Federação. — Comitê Federal.

Reuniu-se ontem extraordinariamente, pelas 20.30 horas, para tratar de assuntos urgentes e da maior importância.

Núcleo de Lisboa. — Reuniu-se, às 21 horas, a comissão executiva com a presença de delegados das secções, para se apreciar assuntos de importância, que se prendem com o robustecimento da organização juvenil.

Secção mobiliária. — Reuniu-se, às 21 horas, a comissão executiva.

# DA Comédia-farça O cabeça de turco

Próxima representação

# O CONGRESSO OS PRESOS

As «démarches» do Secretariado de Assistência Jurídica e de Solidariedade da C. G. T.

Nas «démarches» efectuadas ontem ainda, nada conseguiu este secretariado sobre a libertação de mais presos sem culpa formada. Nos calabouços do Governo Civil encontram-se apenas os camaradas José Maria Grilo e Giovanni Micheli, conservando-se os restantes na Torre de S. Julião da Barra.

Hoje deve de voltar a avisar-se este Secretariado com o chefe do governo, para que se defina a situação dos presos.

Estas «démarches» são acompanhadas dos advogados deste Secretariado, que reuniu ontem, apreciando muito expediente a que deu despacho.

S. U. da C. C.

Reuniu a comissão administrativa da secção dos Mecânicos em Madeira que trouxe conhecimento das subscrições a favor dos presos por questões sociais, tiradas nas seguintes oficinas:

António I. Neto, 27810; Ore Antunes, 2300; Serafim & Machado, 1630; Valim & Falcão, 13000; Monteiro & Fernandes, 23000; Jaime & Flores, 11500; Bajamim, 14000; Raposo, 5500; Almeida & Navarro, 7000; Valério, 1700; Anônimo, 1500.

Soma e segue...

Encontra-se preso e inconquistável o operário barbeiro Manuel Tavares sob a acusação agora muito em voga nos costumes policiais, de ser bandido.

Protestos

Os operários vidreiros do Porto reunidos em assembleia resolveram protestar contra as prisões e perseguições e contribuir para os presos que estão em S. Julião da Barra, com a quantia de 51800.

• • •

# Os calabouços subterrâneos

Nota oficiosa do Conselho de Secções do S. U. da Construção Civil

Teve este organismo conhecimento, por intermédio de *A Batalha*, de que na esquadra do Alto do Pina, se pretendia construir um calabouço subterrâneo. Como o facto representaria a reviviscência dos odiosos tempos do Santo Ofício, enormidade inadmissível numa república que se diz democrática, resolreu este organismo, enviar ali um seu delegado, no sentido de verificar se, na verdade, se estava construindo o aludido calabouço, pois que é igualmente monárquico e ferrenho como é o indivíduo que nos reportares e porque é igualmente monárquico, o chefe da quarta repartição da Câmara de onde aquele é primeiro oficial chefe, parece ter em vista lançar o proletariado na miséria para assim criarem dificuldades ao regime que ambos odiam profundamente.

Com uma habilidade superior para se insinuarem no ântimo dos vereadores da Câmara, os monárquicos, infelizmente encontram ali sempre quem lhes satisfazem todos os caprichos por mais desparadados ou criminosos que sejam.

E' por esse motivo que costumam dizer que os vereadores saem e elles ficam e que depois de «passados à capa», como o chefe da quarta repartição costuma dizer, podem fazer acaba que quizerem.

Apesar da impunidade com que os monárquicos, na Câmara tem feito, há-lhes apetecido, desde vez, porém há-de sair-lhes cara essa impunidade.

\* \* \*

Dizemos já que desde 1889, vinham sendo feitas, de seis em seis anos, as limpezas dos prédios da cidade.

Bastaria, esse facto, em si só, entender, para não se poder justificar honestamente e intelligentemente, a postura camarária contra a qual nos temos insurgido com bem justificada razão.

Para se fazer, porém, uma ideia mais completa de quanto é justificada e extrema a impunidade estúpida ou criminosamente da Câmara, é necessário que se trate de um organismo que se propõe realizar a sua construção em troca da cedência de uma casa sua, conjugada à esquadra e na posse da mesma, desistiu do seu propósito, e resolveu limitar-se a realizar os trabalhos acima indicados.

Está, pois, posta de parte a ideia de ali se construir qualquer calabouço, conforme perenamente o afirmaram o dono de terreno e os camaradas que estão executando as obras, os quais declararam ainda que abandonaram imediatamente o trabalho, se se tratasse de construir mais uma massmorra para fazer a voz da razão e da justiça que assiste à classe operária.

Eclarecido este assunto e exposta a acção dispendida para evitar que uma nova Bastilha se construísse, este Conselho exorta o operariado da Construção Civil a recusar-se sempre a dar o seu esforço a tam revoltante tarefa, pois o dever de todas as vítimas desta sociedade madrasta é demolir as prisões que a elas apensam ser destinadas.

Palaram vários oradores, sendo por fim deliberado por unanimidade prolongar o protesto por mais 24 horas.

Devido a essa resolução, continuará hoje a paralização de trabalho no P. L.

O conflito entrou, pois, numa fase grave devido ao Conselho de Administração não atender as reclamações de aumento de salário que o pessoal desde o transacto mês de Janeiro formulou.

O pessoal reuniu-se hoje, novamente, às 17 horas.

Trabalhadores:

LEDE «A BATALHA»

AS GREVES

Tanoeiros de Lisboa

Reuniu-se ontem pelas 10 horas da manhã em sessão magna, os operários desta indústria a fim de apreciarem a sua actual crise de trabalho, originada pela enorme concorrência de vasilhame do Norte.

Depois de devidamente apreciada e investigada a causa de tão desliz concorrência, originada pelo desvalorização da mão de obra dos camaradas Tanoeiros daquela região, ficou assente após acalorada discussão, declarar a «boicotagem» àquele vasilhame, enquanto os tanoeiros do norte não equiparem os seus salários e o seu horário aos de Lisboa.

Este Comitê apela para a imprescindível solidariedade de toda a classe, pois que só assim veremos conjurada a crise em Lisboa e simultâneamente, concorremos para que os camaradas do norte melhorem a sua situação, tam menorescendo. — O Comitê.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Federação. — Comitê Federal.

Reuniu-se ontem extraordinariamente, pelas 20.30 horas, para tratar de assuntos urgentes e da maior importância.

Núcleo de Lisboa. — Reuniu-se, às 21 horas, a comissão executiva com a presença de delegados das secções, para se apreciar assuntos de importância, que se prendem com o robustecimento da organização juvenil.

Secção mobiliária. — Reuniu-se, às 21 horas, a comissão executiva.

# A BATALHA

# O município nas mãos dos monárquicos

## UMA PORTARIA QUE FAVORECE OS SENHORIOS EM DISTRIMENTO DO PROLETARIADO

No intuito de forçarem o governo a aumentar a circulação fiduciária, isto é, no propósito criminoso de o levar a lançar no mercado mais uns punhados de notas que vêm agravar o câmbio a sombra de cujo agravamento todos os altos potentados estão enriquecendo fabulosamente enquanto o país empobrece dum forma assustadora; os argentários, como é do conhecimento público, estão provocando revoltantemente a falta de escudo, colocando, assim, em sérias dificuldades, não só o comércio, como a indústria, mas muito principalmente, todos aqueles que vivem honestamente do produto do seu trabalho.

Das indústrias, porém, a que vem lidando com maiores dificuldades, como ninguém ignora, com exceção, ao qual parece, da repartição técnica do Município, é a da construção civil.

Estão por concluir inúmeros prédios porque os seus respectivos construtores, não prevendo as consequências que a criminosa ganância dos potentes lhes deixa criar, — sómio criaram, de resto, a toda a gente, esses construtores estão lutando hoje com a falta de recursos que esperavam obter para acabarem a construção dos mesmos prédios, embora se suspeite sempre de uma usura verdadeiramente ladraiva.

Como é natural, apesar da crise trazida com a libertação de mais presos sem culpa formada. Nos calabouços do Governo Civil encontram-se apenas os camaradas José Maria Grilo e Giovanni Micheli, conservando-se os restantes na Torre de S. Julião da Barra.

Hoje deve de voltar a avisar-se este Secretariado com o chefe do governo, para que se defina a situação dos presos.

Das indústrias, que reuniu ontem, ainda, nada conseguiu este secretariado sobre a libertação de mais presos sem culpa formada.

Nas «démarches» efectuadas ontem ainda, nada conseguiu este secretariado sobre a libertação de mais presos sem culpa formada.

Nas «démarches» efectuadas ontem ainda, nada conseguiu este secretariado sobre a libertação de mais presos sem culpa formada.

Nas «démarches» efectuadas ontem ainda, nada conseguiu este secretariado sobre a libertação de mais presos sem culpa formada.

Nas «démarches» efectuadas ontem ainda, nada conseguiu este secretariado sobre a libertação de mais presos sem culpa formada.

Nas «démarches» efectuadas ontem ainda, nada conseguiu este secretariado sobre a libertação de mais presos sem culpa formada.

Nas «démarches» efectuadas ontem ainda, nada conseguiu este secretariado sobre a libertação de mais presos sem culpa formada.

Nas «démarches» efectuadas ontem ainda, nada conseguiu este secretariado sobre a libertação de mais presos sem culpa formada.

Nas «démarches» efectuadas ontem ainda, nada conseguiu este secretariado sobre a libertação de mais presos sem culpa formada.

Nas «démarches» efectuadas ontem ainda, nada conseguiu este secretariado sobre a libertação de mais presos sem culpa formada.

Nas «démarches» efectuadas ontem ainda, nada conseguiu este secretariado sobre a libertação de mais presos sem culpa formada.

Nas «démarches» efectuadas ontem ainda, nada conseguiu este secretariado sobre a libertação de mais presos sem culpa formada.

Nas «démarches» efectuadas ontem ainda, nada conseguiu este secretariado sobre a libertação de mais presos sem culpa formada.

Nas «démarches» efectuadas ontem ainda, nada conseguiu este secretariado sobre a libertação de mais presos sem culpa formada.

Nas «démarches» efectuadas ontem ainda, nada conseguiu este secretariado sobre a libertação de mais presos sem culpa formada

# A BOA PAZ

# A questão internacional

## Quadros de actualidade da vida russa descritos por um comunista

Não quero tornar interminável este fugido exame às coisas russas. Nem mesmo é necessário acrescentar mais nada sobre a ação do governo russo para se aquilatar do seu labor revolucionário.

É possível que essa ação irradiada de sua ação junto dos outros Estados, nas suas relações internacionais, para efeitos comerciais, industriais e agrícolas.

Mas tendo essa ação diplomática, todo o carácter secreto, só se poderá ajuizar aquela ação por ambigas notas dianunciadas dos próprios governos, incluindo o governo russo, e a classe operária não pode fazer fôlgua por essas informações governamentais, posto que encobrem sempre a realidade dos factos.

O que é público e notório é o próprio Lénine ter declarado alto e bom som que o seu governo estava disposto a fazer todas as concessões de carácter económico, cujas não faria concessões alguma no terreno político.

Dentro daquele critério os Krassin que à Europa e à América temido, que compareceram nas conferências de Génova e da Haia para negociar, deveriam ter o cuidado de preservar a integridade estrutural do governo comunista; mas também é de crer que os países que aceitaram negociações no terreno económico fizessem sugestões para que o governo comunista recusasse no terreno revolucionário. O desejo de que fosse reconhecido o poder político comunista levou este necessariamente a fazer as concessões económicas consubstanciadas na sua nova política.

Seja, porém, como fôr. Para nós o que valem são os efeitos da ação do governo russo, a qual poderá ser explicada pelas mais capciosas maneiras, mas que não destroem os factos, além de muitos outros, que vimos de apontar.

O governo russo está para a população russa, pelo menos, como o regime e os governos políticos de Portugal estão para a população portuguesa.

Como trabalhadores, nós não podemos encarar os problemas dentro do mesmo prisma porque são encarados pelo governo russo e pelos seus partidários dos outros países.

Se se tivesse que aceitar o seu critério, ter-se-ia que aceitar, com variantes de forma, o critério dos governos portugueses e seus sequelas quando nos apresentam certas dificuldades que os revolucionários sabem só poderem ser resolvidas com a destruição de todos os privilégios e convencionais existentes — mesmo que seja necessário fazer em todos os países, uma vez que em cada um deles existem dificuldades mais ou menos semelhantes.

\*\*\*

O que neste caso necessário se torna fazer consiste em destruir níveis de químicas ilusões dentro das quais se pretendia tirar partido, não a favor da libertação do operariado russo nem da destruição da sua miséria e ignorância, mas para a consolidação dum governo draconiano com a agravante de influir no maior desvio imposto à classe operária internacional nos últimos tempos.

Faltava um quadro da vida exterior, da rua e praça pública, do povo russo. E, Lanty, quem, na *Senaciteca Revolução*, nos dá a fotografia exacta de impressões e aspectos colhidos ao acaso, em Moscova pelas quais podemos avaliar a miséria e o luxo na Rússia. Repito que Lanty é um comunista e filiado, esteve três semanas na Rússia e teve o mérito de não esconder o que nem os próprios anarquistas, tanta ferozmente guerreros, ainda exportaram.

1º quadro: A cada passo se encontram mendigos, invalidos, estropiados de guerra, cretinas, mulheres e até alguns homens maduros aptos para o trabalho, a pedir esmolas, descalços, sujos, o corpo apenas coberto por andrados indescriptíveis, quase a cada exportar.

A's portas das padarias e pastelarias dois, três ou quatro pedem humildemente esmolas. Tem a aparição de cães escorregadios e certo movimento de homens indicando que estão sendo mordidos pelos piolhos.

No meio de toda esta comprimida miséria, circulam pessoas suficiente e confortavelmente vestidas.

2º quadro: Agachado junto ao passo está um miserável cego. Sem interrupção ele repete a mesma frase de vez em quando erguendo o rosto ao céu, mos-

SUCATAS

Compram-se por alto preços cobre, bronze, metal, chumbo, estanho, tipo, solda e zinco. R. Nova de Carvalho, 18, junto ao aro pequeno.

Sapateiro

Precisa-se oficial habilitado para sapateiro e meias solas. Rua das Pragas, 3, em quando erguendo o rosto ao céu, mos-

22-8-1923

FOLHETIM DE «A BATALHA»

N.º 1

# NA PRISÃO

POR MAXIMO GORKI

O tempo estava húmido e gelado; só a cidade pairavam, imóveis, nuvens, pendentes e desformes; uma chuva fina caia, envolvendo as ruas em um véu nevoento...

Contida por um cordão ininterrupto de guardas, uma compacta multidão de homens e mulheres caminhava lentamente sobre os passeios encharcados, roçando pelas paredes frias, das casas; acima desta multidão erguia-se, indeciso e impotente, um ruído vago e abafado.

Os rostos dos manifestantes estão taciturnos, os dentes fortemente cerrados, os olhos tristes pregados no chão... Por vezes, um ou outro sorri vagamente; ergue-se uma voz galhofeira e arrogante, que reina entre todos. Um grito de revolta ressoa de espaço a espaço, hesitante e depressa sufocado; dir-se-ia que aquele que o soltou dro-

guntava a si próprio se é chegado o momento de resistir ou se é muito cedo.

As caras dos soldados, cheios de fadiga, apresentam-se abriscidas e irritadas; outras, impassíveis, como que taladas em madeira. As finas gotas de chuva tinham scintilações baixas nos capacetes e nos bigodes. E sobre os lamentos das casas pesa o céu enevoado e impassível, impregnado de uma humidade gelada, enquanto que, com os flâneiros e grossos flocos de neve, uma angústia cal lentamente sobre essa gente vencida sem combate.

— Empurem-nos para o pátio! — grita uma voz vocava.

Os agentes de polícia obedecem com aspereza; e, semelhante a um rebanho de carneiros estreitamente apertados uns contra os contos, a multidão espalha-se para o pátio em uma torrente sombria. Os protestos rebentam mais violentos, mais nervosos — fazem-se ou-

vir curtas exclamações de râiva; nos gritos das mulheres há um tremer de lágrimas.

Um mocetão alegre e valente, Micha Malinine, estudante do primeiro ano, achava-se em meio da multidão, e, com os seus olhos ingênuos, olhava compassivamente as faces lívidas, crispadas ou contraiadas que o rodeavam. Os gritos das mulheres, os risos contrafeitos o murmurário surdo que se elevava dos grupos, comoviam-no. Arquejante, cheio de um sentimento de vergonha, quase a chorar de raiva, procurou ele abrir caminho para se ir ocultar em qualquer recanto do pátio, onde estivesse sozinho.

Duas pequenas mãos agarram-se desesperadas as abas do seu casaco: viram diante de um rosto pálido de grandes olhos húmidos. Este rosto, molhado de lágrimas ou de chuva, ergueu-se para a frente — a massa negra de povo rasgou-se diante dele, como a lama com uma pedra que cai — chegou junto de um homem de alta estatura, vestido com uma pelica parda e gritou-lhe em voz tronante:

— Tu não tens o direito de maltratar ninguém!

— Na verdade? E quem te fez mal a ti? — replicou o homem pardo, com um gesto de enfado.

O seu rosto fatigado, de bigodes ruivos, teve uma careta desdenhosa; depois, continuou, batendo com a mão no ombro de Micha:

— Toma um conselho... vai-te embora!

Micha viu a careta e sentiu no coração a picada aguda do ultraje.

— Não vou! — gritou-lhe com furor.

— Não obedecemos. Não somos nenhum rebanho! Basta de violências!

Todas essas belas e fortes palavras que ele tinha ouvido sobre a dignidade humana, brotaram do seu coração em uma torrente de chamas. Os outros escutavam-no, e a cólera invadia-os pouco a pouco.

Enbragido pelo som da sua voz, aturdido pelo turbilhão confuso dos gritos, Micha agitava-se entre a multidão, como uma faísca entre uma nuvem de fumo, e nem reparou que o prendiam, que o arrastavam. Só com-

# A BATALHA

## Propaganda sindical

Uma sessão em Pavia, em que se protesta contra as perseguições ao operário

PAVIA, 19. — Com bastante concorrência efectuou-se aqui um comício público de propaganda sindical e de protesto contra a censura da vida e contra a infame perseguição de que estão sendo vitimas os camaradas de Lisboa.

Aberto o comício às 18 horas, sob a presidência de Joaquim José do Teles, secretariado por José Jacinto e Joaquim Giroto, o presidente expôs os fins do comício e oferece a palavra a qualquer dos assistentes.

Como ninguém se manifeste é dada a palavra a Adriano José Neto, delegado da Federação Rural, que comece por demonstrar as vantagens da organização, único campo de deusa dos que produzem.

4º quadro: Um homem de espingarda ao homem marcha pelo meio da rua. Seguem-no dois outros desarmados. Alguns destes vão dois soldados que levam as mãos revolvidas apontadas para o solo. — Que aconteceu? — Ningém responde. Parece que já é costume...

E, ali agora, em relação a isso a revolução não mudou...

Algumas vezes as iníquas impressões eram tam fortes, tinha uma tam grande tensão de espírito esforçando-me em todos os lugares, impõe-se, penetram no nosso sentimento, batem-nos na alma, levam a confusão ao cérebro, de maneira que só nela ajoelhar para rezar ou colericamente tapar os ouvidos para não mais ouvir um ruído tam arruidoso.

5º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

Os transeuntes, com vontade ou sem ela, tem de ver o espetáculo religioso.

6º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

7º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

8º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

9º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

10º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

11º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

12º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

13º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

14º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

15º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

16º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

17º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

18º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

19º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

20º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

21º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

22º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

23º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

24º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

25º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

26º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

27º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

28º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

29º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

30º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

31º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

32º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

33º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

34º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

35º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

36º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

37º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

38º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

39º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

40º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

41º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

42º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

43º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

44º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

45º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

46º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

47º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

48º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

49º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

50º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

51º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

52º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

53º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

54º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

55º quadro: Num sítio qualquer está uma igreja junto do passeio com a porta aberta.

5

